

Bibliographia

INSCRIPÇÕES E LETTREIROS DA CIDADE DE BRAGA E ALGUMAS FREGUEZIAS RURAES, por Albano Bellino, Porto 1895, xv-182 pag.

Novel ainda nos estudos archeologicos, não quis o Sr. Albano Bellino apresentar o seu livro ao público sem o fazer acompanhar de uma CARTA-PREFACIAL do Sr. Pereira Caldas, professor braca-rense. Esta CARTA-PREFACIAL não passa porém de um cerzido de indicações bibliographicas sem alcance, e de umas futilidades sobre a differença entre *amor da patria* e *patriotismo*. Melhor fôra que tal prologq contivesse observações geraes a respeito das inscripções, da classificação d'estas e da sua utilização para o conhecimento da historia da cidade. Algumas das indicações bibliographicas referem-se a obras que o proprio Sr. Bellino já conhece e cita! O Sr. Bellino é discipulo fervoroso do Sr. Caldas, a ponto de lhe imitar intimamente o estylo, como se vê, por exemplo, a pag. 10, 67, 89-91, 134-135, etc. Sem deixar de reconhecer que o Sr. Caldas possui bastantes conhecimentos, embora avulsos e antiquados, sobre diferentes ramos das sciencias historicas, não devo occultar que lamento que o Sr. Bellino, que é ainda moço, e principia agora a trabalhar, tome para guia e modêlo a quem não está no caso de lhe dar verdadeira orientação mental.

Ao prefacio segue-se uma introdução do auctor, vaga e desconnexa, á cêrca das antiguidades de Braga. O que se diz da epocha romana é incompleto e muito superficial. Da epocha pre-romana nem se falla. A pag. 2-3 a inscripção de Isis não está fielmente traduzida. A pag. 4 escreve o Sr. Bellino: «Segundo o crédulo Fr. Bernardo de Brito, os barbaros do Norte, Wandalos, Alanos e Suevos, invadiram as Hespanhas no anno de 412». Ora, se Brito é *crédulo*, porque o cita? Alem d'isso a citação era inutil, pois a noticia da invasão dos Barbaros não provém originariamente do famoso monge alcobacense. E como é que se justifica a data de 412? Pois o que diz Idacio no *Chronicon* é o seguinte: «Alani et Wandali et Suevi Hispanias ingressi aera CCCCLVII¹», o que corresponde ao anno de 409. — Continúa o Sr. Bellino: «Ficou Braga então sob o reinado do rei suevo Hermenerico, de que fôra segundo successor Theodomiro, e Miro o terceiro, se é que não são os dois um só e o mesmo personagem». Mas isto é inexacto. Theodomiro não foi o pri-

¹ *España Sagrada*, IV³, 351.

meiro successor de Hermenerico: entre os dois monarchas ha ainda sete, afóra os que se não conhecem dos annos de 468-550. De mais a mais, Miro e Theodomiros são dois reis distinctos: o primeiro era filho do segundo, e começou a reinar em 569. Em qualquer livro sobre os Suevos póde ver-se confirmado o que aqui aponto summariamente. Mas, alem d'estas incertezas chronologicas, o Sr. Bellino contradiz-se a pag. 167, em que considera sem hesitação Miro como successor de Theodomiros!

Passarei agora ás inscripções. Digo apenas *inscripções*, porque não vejo qual é a distincção que se pretendeu estabelecer entre *inscripções* e *lletreiros*.

As inscripções colleccionadas no corpo do livro referem-se apenas á Idade-Média e aos tempos modernos. Isto não resalta do titulo.

Uma das inscripções mais interessantes é a wisigothica do sec. VII, publicada a pag. 85, e corrigida no *Boletin de la Real Academia de la Historia de Madrid*, XXVIII, 269, na qual se indica o dia da semana *secunda feria*.

O Sr. Bellino acompanha as inscripções de noticias historicas á cêrca dos edificios ou monumentos em que ellas se encontram. Infelizmente, porém, o auctor nem sempre dá as devidas indicações bibliographicas. Tambem é para sentir que as inscripções não tragam commentarios criticos; esta ausencia de notas faz que muitas vezes não saibamos se certas incorrecções ou incoherencias que se observam nas inscripções são devidas aos gravadores d'ellas, ou ao Sr. Bellino: por exemplo, a pag. 64, lê-se ASSVMPTA EST MARIAM CAELVM, quando, em vez de MARIAM, o sentido pede MARIA IN, estando M por IN; a pag. 172 lê-se AC CEDE em vez de ACCEDE, e DE FLVIT em vez de DEFLVIT¹; a pag. 173 lê-se NEQUTIA em vez de NEQUITIÁ. A quem attribuir taes faltas? Analogas observações suggerem as inscripções de pag. 21, 47 e outras. Eu podia propor algumas explicações que me occorreram, mas, visto que o exame dos proprios monumentos se torna facil, mais vale recorrer a elles do que a hypotheses. A inscripção do tumulo do infante D. Affonso, filho de D. João I, inserta a pag. 20, não está já toda, como tive occasião de ver, quando estive em Braga em Fevereiro p. p.; o Sr. Dr. José Machado, que conhece todas as antiguidades de Braga, foi quem me chamou a attenção para este

¹ O auctor da inscripção quis dizer, fallando de uma fonte: *defluit unde vide*; comtudo melhor latim seria: *defluat unde vide*.

facto, na occasião em que visitei, em companhia d'elle, a capella de S. Pedro de Rates. Na inscripção de pag. 22 lê-se *DESIDES ALTISSIMVS*; mas na pedra está *DESIDERATISSIMVS*; tambem na mesma pedra se lê *DIOECESEOS* (estando o O enlaçado com o E), e não *DIÆCESEOS*, como traz o Sr. Bellino. O último facto é sem importancia; deve, porém, em livros d'estes, ser-se o mais rigoroso possível. A pag. 58 o auctor transcreveu *doutor* em vez de *doctor*, e *tudo* em vez de *todo*, pois em português antigo escrevia-se ás vezes *doctor* e dizia-se *todo* por *tudo*; o Sr. Bellino não pôde allegar que desejou dar á transcripção fórma moderna, pois a par escreveu *madre* e *reparou*, que são fórmas antigas.

As inscripções estão dispostas com pouca ordem; o auctor podia ao menos ter adicionado ao livro mais dois indices, um chronologico, outro methodico, o que facilitava a consulta, e mostrava melhor o valor d'estes estudos.

No emtanto o livro, tal como está, contribue para o conhecimento da historia de Braga. Não obstante os reparos que fiz, e que espero que o Sr. Bellino accete de boa mente, por serem francos, este merece elogios pela sua tentativa.

*

REVISTA DE SCIENCIAS NATURAES E SOCIAES. Vol. IV, n.º 14.

Com relação a archeologia contém os seguintes artigos: *Necropole prehistorica da Campina nas vizinhanças de Faro*, por Santos Rocha; *Materiaes para a archeologia do districto de Vianna*, por F. Martins Sarmiento. Farei aqui a súmmula dos dois artigos.

1. Necropole da Campina (Faro)

Esta necropole da idade do cobre foi descoberta, e em parte explorada, pelo Sr. Santos Rocha. Elle estudou tres sepulturas, que distavam entre si menos de dois metros; mas a necropole consta de mais outras, que o illustre archeologo pensa ainda explorar; alem d'isso outras sepulturas foram já destruidas pelos amanhos: do que se vê que a necropole era vasta. Esta necropole ficava numa planicie. As sepulturas não eram quadradas; uma d'ellas media de comprido 1^m,20 num lado, e 0^m,90 noutro, e de largura 0^m,80 a 1 metro; e os supportes eram de altura inferior a 1/2 metro; as tampas não estavam já completas: vê-se que estas sepulturas são do typo das *cistas*. Orientação de uma NO. a SE.; de outra NS. Dos cadaveres enterrados nas sepulturas ainda restavam os esqueletos. O modo da inhumação era

muito interessante: a julgar dos factos observados numa sepultura, e não contraditos pelos factos observados noutras, os cadaveres tinham sido deitados de cocaras, — rito já verificado em várias necropoles pre-historicas. Com os esqueletos encontrou-se algum mobiliario: vasos de barro grosseiro, analogo ao da necropole neolithica da Serra do Cabo Mondego; e objectos de cobre puro. No campo tinham sido já encontrados, durante os trabalhos agricolas, diversos objectos de metal, que ainda não foram analysados chimicamente, mas que talvez tambem sejam de cobre; e uma pequenina placa de ardosa com dois orificios. O Sr. Santos Rocha espera continuar posteriormente as explorações, a fim de assentar melhor a deducção que dos factos agora colligidos tirou; esta deducção, se por um lado mostra que tem de se modificar algumas ideias geraes emitidas por Estacio da Veiga, por outro lado confirma a existencia de uma idade de cobre em Portugal, com tanto calor proclamada pelo mallogrado patriarcha da archeologia do Algarve.

2. Antas do districto de Vianna

a) *Antas do monte de Santo Antão.* — Neste monte existem duas mamôas, de uns vinte e dois passos de diametro: uma d'ellas, sem nome; outra denominada «Poço da Chã» ou «Cova do Armada». Na primeira já não havia nenhuma das pedras da anta; na segunda havia ainda a galeria. Numa nota diz o Sr. Sarmento: «A galeria pôde ser descoberta, ou coberta, segundo se lê em algumas descripções. Eu nunca vi nenhuma que não fosse descoberta, e receio muito que nas galerias cobertas tenhamos novo equivoco». A este receio posso observar que tambem já tenho visto antas com galerias cobertas. Uma particularidade da galeria da anta do «Poço da Chã» era ser ladrilhada á entrada; já noutras antas portuguezas tem sido reconhecida a existencia de ladrilhos, e eu mesmo os tenho encontrado tambem. Numa das pedras da anta viu o Sr. Sarmento duas *covinhas*, que tinham de diametro de duas a quatro pollegadas, e de profundidade um terço d'este diametro.

b) *Antas em Rubiães (Paredes de Coura).* — Perto do logar de Antas havia tres mamôas que continham porém só algumas das pedras do monumento que primitivamente encerrára. Estavam dispostas em linha quasi recta, distando entre si respectivamente cem e duzentos metros.

Como conclusão do artigo apresenta o Sr. Martins Sarmento as seguintes interessantes considerações: «No Minho (para me limitar ao que conheço melhor) ainda não encontrei uma só anta sem mamôa;

e não compreendo mesmo que pudesse haver antas descobertas, salvo se algumas tinham outras serventias que não a de monumentos sepulcraes, — o que tem sido sustentado, mas com razões muito ambigüas» (pag. 102).

J. L. DE V.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

Por tres occasiões no nosso país a classe parochial prestou em commum relevantes serviços, informando os poderes superiores sobre o que havia de mais notavel nas respectivas freguesias.

A primeira vez foi numa data poucos annos anterior a 1747, e sobre as memorias diversas remettidas pelos abbades, priores, curas, vigarios, etc., formou o P.^o Luis Cardoso, a pedido de quem se executou esta obra meritoria, um trabalho que ficou incompleto, devido ao terremoto de 1755, escapando só o que já estava impresso ¹.

Não desanimou o oratoriano, e em 1758 tinha outra vez em seu poder abundante material colhido como o acima mencionado, o qual comtudo não chegou a coordenar. Esta grande collecção conserva-se manuscripta no Archivo Nacional ², e d'ella se aproveitou João Maria Baptista para a execução da sua importante *Chorographia*, impressa em 1874 e 1879, dotada, porém, de indice pouco claro.

Em 1862 procedeu-se a novo inventario de cousas notaveis, e esse trabalho que se conserva, talvez impropriamente, no Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, foi tambem de grande auxilio para aquelle auctor.

Os dois interrogatorios do seculo passado, publicados n-*O Archeologo Português*, I, 268 sqq., certamente ambos da mão do P.^o Luis Cardoso, em pouco differem entre si. A parte propriamente chorographica das respostas aos interrogatorios de 1758 já foi, como disse, amplamente explorada. A parte antiquaria foi tambem explorada, mas parece que não com o mesmo desenvolvimento da parte chorographica. Em primeiro logar o Sr. Emilio Hübner, por intermedio de A. Herculano e A. Soromenho, e só com respeito a inscripções, colligiu tudo o que encontrou para o *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, 1869; não é provavel que escapassem

¹ Cfr. *O Archeologo Português*, I, 267.

² Cfr. *O Archeologo Português*, loc. laud.